

**Graduação**  
**Transformações na economia do Brasil e do mundo.**  
**Desafios e mudanças do setor automotivo**

**Ítalo Brener de Carvalho (CEFETMG)**  
[italobrener@cefetmg.br](mailto:italobrener@cefetmg.br)

**Arthur Ferraz de Campos Resende**  
CEFETMG  
[arth.campos@hotmail.com](mailto:arth.campos@hotmail.com)

## **RESUMO**

O presente artigo aborda a complexidade da economia global e a forma com que o setor automotivo atua no mercado. Observa-se que no mundo existem polos econômicos, industriais e comerciais que são referências de mercado e que estão sempre presentes nas notícias e nas análises socioeconômicas e mercadológicas. Estes polos são reconhecidos diante dos negócios nacionais e possuem histórias subjetivas, e que influenciam até hoje no posicionamento dos países. No setor automotivo, temos alguns países que são referência, como Japão, Alemanha, França. Porém, com relação ao PIB mundial temos EUA e China como primeiros ranqueados. Além disso, a China também está entre os primeiros no setor automotivo, sendo uma das principais exportadoras de peças do mundo. Ao longo do artigo estes nomes irão aparecer varias vezes, demonstrando um pouco da influência que estes países têm e como podem impactar na sociedade e economia brasileira.

**Palavras-chave:** Evolução; Mercado; Estratégia.

## **1 INTRODUÇÃO**

A economia mundial é movida por diversos fatores geográficos, culturais, ambientais e socioeconômicos que ligam as nações. Os negócios internacionais ocorrem a partir destas ligações, que se tornaram necessárias ao longo dos anos. Os países se tornaram interdependentes, e muitos deles parceiros, formando blocos econômicos. Outros, porém, possuem líderes que optam por fechar as portas para acordos e parcerias. Esse tipo de relação tem impacto em toda a sociedade e na indústria de maneira geral.

Um setor de destaque neste movimento de internacionalização, de impacto na geração de empregos e que possui uma cadeia global de produção é o “setor automotivo”, interligado em diversos países, principalmente no que diz respeito a montagem dos veículos. Ao longo dos anos esse mercado evoluiu muito, a engenharia foi se aprimorando junto com a tecnologia e os profissionais se tornando cada vez mais preparados.

E assim como diversos outros setores foi, nos anos de 2019, 2020 e 2021, impactado fortemente pela pandemia COVID19. O impacto em sua maioria foi de forma negativa e precisarão de adaptações para recomposição no mercado.

Neste contexto este artigo busca compreender a internacionalização do setor automotivo, com base nas transformações na economia do Brasil e do mundo e sua dinâmica.

## **2 GLOBALIZAÇÃO DIANTE DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

“Cooperação entre os povos para o progresso da humanidade”, Artigo 4º da Constituição Federal. Essa frase enriquece todo o contexto das relações internacionais, pontuando um dos aspectos mais importantes que deve, ou deveria existir e funcionar entre as nações. Entretanto, não caminha sozinho, a ponto de alcançar a utopia que muitos almejam. Os direitos dos cidadãos, a defesa da paz, solução pacífica de conflitos, repúdio ao terrorismo, são fatores presentes na Constituição Brasileira, mas que não estão presentes em todo o mundo. Os países são independentes, apesar de apresentarem dependência entre si. Essa contradição deve-se a fatores socioeconômicos que movem os negócios internacionais. Algumas nações são mais abertas ao comércio exterior, às culturas estrangeiras, etc. e outras nem tanto.

As duas maiores economias mundiais atualmente são os Estados Unidos e a China, respectivamente. Os EUA ocupam esta posição desde 1871, segundo Adelina Lima, 2021. Com o maior PIB mundial, essa potência abriga algumas das maiores ações de capitalização de mercado do mundo, incluindo empresas como Amazon, Microsoft, Coca Cola, Visa e Johnson & Johnson. Observa-se que estas empresas estão presentes no mundo todo, evidenciando que os negócios internacionais estão evoluindo cada dia mais, e que existem polos dentre as nações, os quais são referências em diversas áreas de importação e exportação.

A China, por sua vez, mantém fixa a taxa nominal de câmbio do yuan com o dólar (8.3 yuan = \$1) desde 1994, segundo Carlos Aguiar (2006). A sustentação desta taxa ocorre de acordo com a política de reservas do banco central chinês. A busca por esta sustentabilidade representa muito para a industrialização do leste asiático. A potência é a maior produtora de milho e arroz no mundo; tem uma agricultura extremamente mecanizada, o que a torna eficaz, e tem forte investimento em educação e em infraestrutura do país.

De acordo com Peter Dicken, 2007, A atual explosão do interesse por ‘globalização’ reflete o sentimento difundido de que algo importante está acontecendo no mundo. Realmente há muitas coisas importantes acontecendo ao mesmo tempo, e que envolvem o conceito de globalização, mas nem tudo é globalização como as pessoas generalizam o termo. Isso ocorre devido a rápida comunicação e transmissão de informações. É interessa ressaltar que essa disseminação de informações está diretamente ligada a complexidade geográfica

promovida pelos negócios nacionais, que acabam ocultando um pouco da origem de produtos e serviços.

### **3 A GEOGRAFIA ECONÔMICA ATUAL INFLUENCIADA PELA ANTIGA**

As transformações econômicas ocorrem muitas vezes com a influência do espaço e da localização de pessoas, de estabelecimentos, de regiões, entre outros. Em alguns lugares, certas atividades econômicas obtêm mais sucesso do que outras, devido a fatores como clima, cultura, relações internacionais, entre outros. Segundo Peter Dicken (2007), no âmbito da geografia econômica, é impossível entender totalmente o presente sem conhecer pelo menos uma parte do passado. O passado geográfico ainda influencia muito as decisões e os acontecimentos atuais no aspecto socioeconômico.

De acordo com Hinckley Wendell, 14 de julho de 2020, a geografia econômica considera a importância das combinações geográficas, em especial, as combinações humanas, pois através delas o homem interfere na natureza para organizar atividades agrícolas e industriais capazes de promover desenvolvimento de atividades econômicas. Dito isso, é interessante pontuar que os polos econômicos também são definidos a partir de fatores como estes, e estão diretamente ligados aos negócios internacionais. Esse tipo de relação entre nações ocorre graças à evolução tecnológica, que possibilita cada vez mais uma rápida comunicação, um rápido transporte e por conseguinte uma rápida produção, seja de materiais, de conteúdos, de serviços etc.

Seguindo essa linha de raciocínio, é importante ressaltar dois eventos políticos significativos, que ocorreram desde 1950, que influenciaram na transformação da economia global. O surgimento da China na economia global, ainda sob o controle do Partido Comunista, e o colapso dos sistemas políticos predominantes na União Soviética e seus satélites do Leste Europeu. A Ásia representou a maior parte do PIB mundial durante um tempo, e o ocidente da mesma forma em outra época. Isso evidencia novamente as transformações na geografia econômica mundial. Segundo Juscelino Eudâmidas Bezerra (2021 pág. 16), “o futuro da economia inevitavelmente interpelará algum modo de relação com o espaço, envolvendo o espaço vivido, o espaço das redes, as relações de poder econômico expressas no território, as distintas configurações regionais e o pós-pandemia”. É interessante analisar através desta perspectiva e ressaltar que a pandemia trouxe transformações que caminharão junto aos fenômenos geográficos socioeconômicos.

## **4 AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS E O COTIDIANO**

Cotidiano repleto de “negócios internacionais”. Tal aspecto está em todos os lugares envolvendo toda a população, através de marcas, empresas, produtos, serviços, pessoas. A rapidez com que a tecnologia vem atuando é algo que alavanca as relações internacionais, viabilizando de diversas formas os processos envolvidos. A comunicação e o acesso às informações são fatores essenciais para que estes processos se tornem eficazes, e eles estão cada vez mais desenvolvidos e ocorrem de forma rápida, contribuindo tanto com o comércio quanto com os investimentos. Porém, estas não são as únicas áreas impactadas.

Acerca de tal questão, é importante pontuar que as atividades que ultrapassam as fronteiras também influenciam diretamente na cultura, nos hábitos, no desenvolvimento, no futuro das nações. Estamos falando da globalização. Segundo Dicken (2007), A globalização é uma realidade. Não apenas no campo financeiro, mas também na comunicação, tecnologia, cada vez mais na cultura, na recreação. Essa realidade representa algo que está em constante evolução e que gera cada vez mais integrações entre as nações, proporcionando maior contato, expansão de empresas multinacionais, formação de blocos econômicos, entre outros. Entretanto, percebem-se pontos negativos relacionados a este conceito, como por exemplo a existência de uma desigualdade.

Seguindo essa linha de raciocínio, é interessante analisar a frase do economista americano Edward Glaeser (2016 pág 6), que diz “A educação é o principal serviço que o Estado deve oferecer na era da globalização. É o nível de ensino que, cada vez mais, define as nações como ricas e pobres”. Diante da rápida disseminação de informações e facilidade de acesso, enfatiza-se a importância do investimento em educação. O ensino básico, principalmente, é um divisor de águas para o futuro das nações, uma vez que proporciona um melhor desenvolvimento, direcionamento, mais oportunidades e conseqüentemente um futuro melhor para pessoas, em aspectos sociais, econômicos e profissionais. Segundo o antropólogo argentino, Nestor Garcia Canclini (2021) ao mesmo tempo que se tem acesso a uma gama imensa de informações, se transcende o espaço local, e o global assume o papel de protagonista. Tudo e todos estão interconectados nessa aldeia global, a qual exige adaptações e desenvolvimento pessoal e organizacional.

## **5 CONQUISTA DE MERCADOS**

Tháís Paiva cita em seu artigo (2018) Milton Santos, geógrafo brasileiro (1926-2011), que disse: Antigamente as grandes nações mandavam seus exércitos conquistar territórios e o

nome disto era colonização. Hoje as grandes nações mandam suas multinacionais conquistar mercados e o nome disto é globalização. O estudioso resume nesta frase a maneira globalizada de inserção dos países e/ou das empresas no mercado mundial. Ao dizer que as multinacionais são “enviadas para conquistar mercados”, Milton introduz o fato de que essas relações entre empresas e países depende do ramo, da dimensão e das perspectivas de mercado que apresentam.

Ao ultrapassar os limites entre as fronteiras, as nações investem no mercado externo de modo a garantir seu espaço. Segundo Cavusgil, a globalização permite às empresas vislumbrar o mundo como um mercado integrado. Esta integração é contínua e os países se tornam cada vez mais interdependentes com a rapidez das transações internacionais. De acordo com o autor, a geração de emprego por essas empresas multinacionais contribui para melhorar o padrão de vida no mundo, além de disseminar valores econômicos de livre comércio.

Dessa forma, percebe-se o quão importante é o estudo deste fenômeno para que a sociedade compreenda sua origem, seu desenvolvimento, suas perspectivas e seus empecilhos. Do surgimento das ferrovias e transportes marítimos ao contato virtual em tempo real, foram incontáveis inovações e benefícios que surgiram até então. Entretanto, é importante pontuar que este fator também tem impacto direto, e por vezes de formar negativa, nas populações de baixa renda, no meio ambiente, nos hábitos e na cultura. A certeza de que estamos diante de uma interdependência crescente entre os países, enfatiza o fato de que tal aspecto continuará sendo estudado até o fim dos tempos em paralelo ao seu desenvolvimento.

## **6 EMERGENTES**

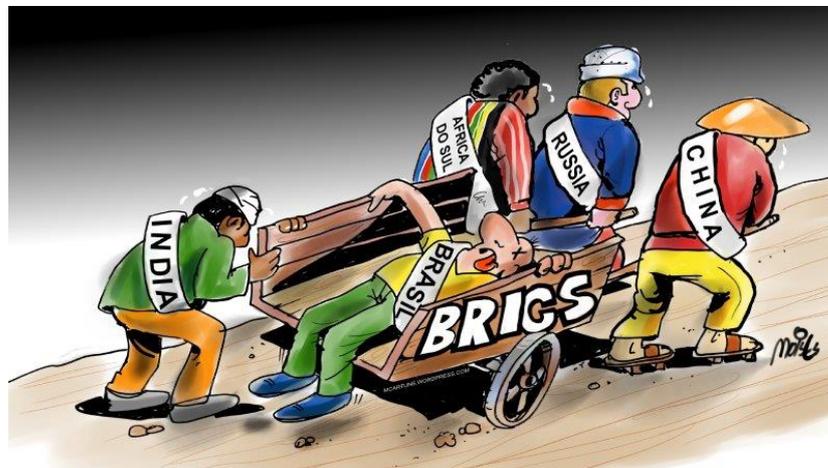
Brasil, Rússia, Índia e China. Segundo Dominic Wilson e Roopa Purushothaman (2004), economistas da Goldman Sachs, as economias destes quatro países superarão, em menos de 40 anos, a economia do atual G6. Através de análises de importantes variáveis, como crescimento do PIB, movimentação de dinheiro e renda per capita, os estudiosos realizaram, com propriedade, algumas projeções que nos permitem acreditar neste possível desenvolvimento. Entretanto, para que isso seja possível, é de extrema importância que essas economias sigam um caminho sólido de crescimento, sendo este o principal fator de insegurança de não confirmação dessas projeções. Principais aspectos para um caminho sólido de crescimento:

- Políticas macroeconômicas sólidas e histórico de estabilidade macroeconômica;

- Instituições políticas sólidas e estáveis;
- Abertura ao comércio estrangeiro;
- Altos níveis de escolaridade.

O Brasil, por sua vez, tem apresentado dificuldades em seguir esta linha de solidez. A dependência de financiamentos externos é algo que contribui significativamente para a queda nos índices de crescimento econômico do país. Além disso, é interessante pontuar os principais obstáculos enfrentados para alcançar este crescimento desejado. São eles: O Brasil é bem menos aberto ao comércio exterior; Investimento e poupança insuficientes; Dívidas externas e internas.

**Figura 01 - Um Brsil que não acompanha os indicadores BRICS**



Fonte: Moisés Cartuns, BRICS, 20 de janeiro de 2016

Na imagem acima podemos observar que há uma crítica à diferença do crescimento do Brasil comparado com os outros países do BRIC, os quais estão “carregando o Brasil nas costas”. Neste caso, a África do Sul já foi incluída, visto que entrou para o grupo em 2011 por um convite da China e entendimento de que também é um país emergente e apresenta maior estabilidade interna e melhores relações internacionais que os demais países africanos. Porém, a charge não demonstra com tanta fidelidade à realidade do grupo, visto que o Brasil ainda está a frente em alguns aspectos em relação aos outros países, e nem todos estão 100% “firmes e fortes”.

**QUADRO 1 – Mudança no cenário mundial (Projeções Goldman Sachs)**

<b>Mudança no cenário mundial (Projeções Goldman Sachs)</b>	
Aspectos fundamentais	Considerações
Tamanho da economia	Em menos de 40 anos as economias do BRIC juntas poderão ser maiores do que as do G6.
Crescimento econômico	A Índia é o país que tem potencial para crescer mais rapidamente nos próximos 30 a 50 anos, tal qual possa ser superior a 5% ao ano em 30 anos e mantendo próximo de 5% em 2050.

Renda per capita e demografia	Até 2050, a Rússia provavelmente será o único do BRIC cujo qual a renda per capita alcançará a das populações do G6 (No caso as menos ricas)
Padrões de demanda mundial	O poder de compra em dólares das economias do BRIC poderá dobrar até 2025 e quadruplicar em 2050.
Movimentação do dinheiro	É provável que as taxas de câmbio reais do BRIC se valorizem em até 300% nos próximos 50 anos (média anual de 2,5%), o que irá contribuir significativamente para o aumento do PIB em dólares do grupo.

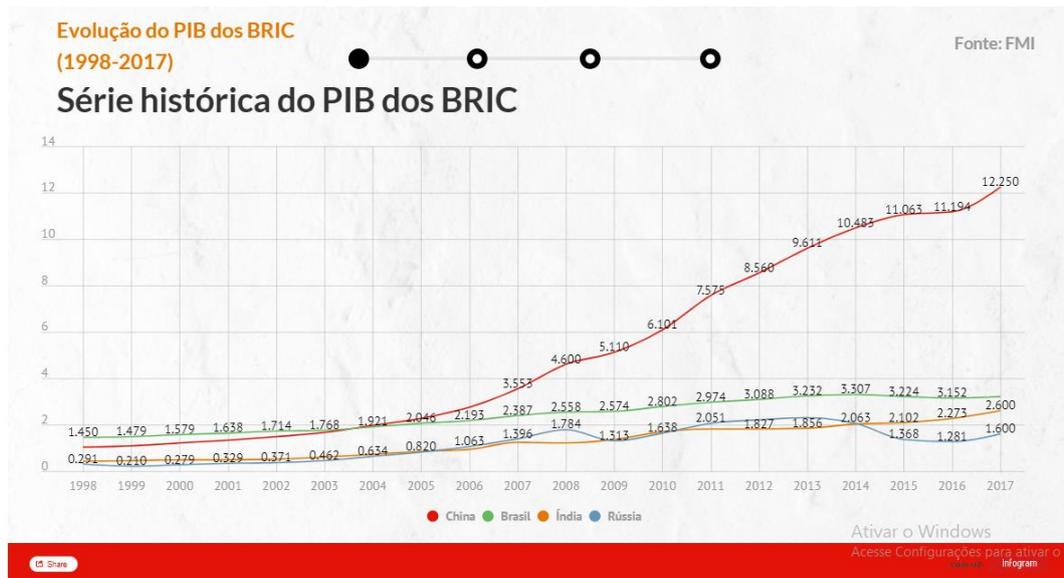
**Fonte:** <https://forbes.com.br/forbes-money/2021/11/goldman-sachs>

Seguindo esta linha de raciocínio, é importante ressaltar que a estabilidade política e boa administração das finanças são fatores determinantes para o crescimento constante das economias destes países. Além disso, o investimento no ensino é e sempre será fundamental para o progresso das nações. Segundo Schultz (1964), compreende-se a “importância que o investimento em capital humano, especificamente na educação, exerce sobre a atividade econômica. Melhorando seu nível de produtividade, amenizando as discrepâncias salariais, reduzindo as desigualdades econômicas e impactando no sistema econômico como um todo”. Tal aspecto influencia diretamente na economia do país e deve ser cada vez mais valorizado.

Acerca de tal questão, chegamos no presente momento em que nos deparamos com incertezas e dúvida: Será que o caminho para 2050 ainda existe? Segundo Pedro Nakamura (2018), Parte do motor de crescimento chinês é o setor de infraestrutura movido por investimentos públicos. Diversos economistas, em sua maioria ortodoxos, no entanto, alertam que a China tornou-se uma bomba-relógio. A tese dos analistas é que a dívida pública contraída pela nação durante o boom dos anos 2000 e a crescente especulação imobiliária no país podem ser o estopim da próxima crise global. Comentários como este nos fazem atentar às projeções feitas pelos economistas da Goldman Sachs e outros. Dos 193 países existentes, segundo a ONU (2017), alguns são considerados emergentes e estão em constante crescimento. Porém, devemos lembrar sempre das interdependências entre os países. Atualmente os países estão cada vez mais próximos, devido ao aumento das relações internacionais e da abertura para comércio estrangeiro nos países.

Diante disso, observa-se que quando ocorre algum fenômeno econômico em certos países, tal aspecto atinge outros, podendo ser de forma significativa ou não. Portanto, compreende-se a preocupação de vários estudiosos com as projeções abordadas acima, uma vez que crises econômicas existem e estão diretamente ligadas às relações internas e externas de cada país, no que diz respeito à estabilidade e boas relações mercadológicas e sociais.

**Figura 02** – Comparativos evolução histórica BRICS



**FMI – Fundo Monetário Internacional. 2018;**

## 7 SETOR AUTOMOTIVO

Um mercado muito amplo, que envolve diversas áreas e atividades. O setor automotivo tem os automóveis como fator principal de mercado, porém, para chegar no resultado, existe uma cadeia produtiva enorme. Tal aspecto passa por estudos, planejamentos, importação e exportação de peças, indústria, manutenção, publicidade, vendas, aluguéis, seguros etc. Sem dúvidas é uma indústria que gera muito emprego, crescimento econômico e competitividade, por apresentar encadeamentos produtivos e investimento constante em inovações.

Atualmente, a China é o país líder por produção e compra de veículos automóveis, seguida dos Estados Unidos e do Japão, respectivamente. De acordo com os dados da Organisation Internationale des Constructeurs d'Automobiles (OICA), em 2019 o Brasil ficou em 8º lugar neste ranking. Porém em 2020 subiu para 6º. De acordo com a ANFAVEA (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores), só em 2019 foram produzidos 2,944 milhões de unidades de automóveis, no Brasil. Segundo Johal Froud Williams, 2002, o desenvolvimento do capitalismo fez com que a rentabilidade do capital financeiro em muito ultrapassasse a rentabilidade e os lucros da produção. Daí a pressão do capital financeiro sobre o capital produtivo para que ele dê maiores lucros e assim consiga cada vez maior remuneração aos acionistas.

Embora estes países sejam os maiores produtores, a fabricação das peças que compõem os automóveis ocorre em países de baixo custo. Como foi visto no capítulo 3 do livro de Cavusgil (pág.46), um exemplo desta cadeia de valor internacional é o modelo

Chevrolet Malibu, reprojetoado pela General Motors. Este carro é composto por peças providas da Alemanha, dos EUA, da França, do Reino Unido e do Japão.

Seguindo essa linha de raciocínio, é importante ressaltar e analisar as relações de interdependência entre os países e a influência da pandemia em setores como este. Ao longo da pandemia, o setor deixou de vender aproximadamente 1 milhão de veículos, segundo a ANFAVEA (2021). Além Disso, em 2020 no Brasil, a fabricação de máquinas agrícolas apresentou um recuo de 18,1% em comparação com 2019 e as exportações reduziram em 31,7%. Quando a China estabeleceu medidas de segurança e isolamento social, fechando suas fábricas, toda a cadeia produtiva brasileira foi afetada, uma vez que houve falta de reposição de peças. Ainda segundo a ANFAVEA (2021), o setor automotivo, que empregou diretamente 127.724 pessoas em outubro de 2019, apresentou em 2020 121.391 empregados. Desse modo, observa-se a expressiva influência deste mercado nos aspectos socioeconômicos dos países, além das diversas possibilidades de inovação que impactam em uma dimensão mundial. De acordo com o MDIC (2021), Ministério da Indústria, Comercio Exterior e Serviços, que é a fonte oficial do Governo Federal neste âmbito, em 2020 o Brasil contava com 31 fabricantes, contando com produtores de veículos, máquinas agrícolas e rodoviários. E contando com o chamado “aftermarket” que são as empresas que produzem para as montadoras e para reposição, o país conta com 590 fabricantes. Em 2017 tinham 5598 concessionárias no Brasil. Os principais polos automotivos no país são São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul.

Ainda sobre o setor, é interessante pontuar que, Segundo Dicken (2007), entre 1913 e 1970 houve poucas mudanças na linha de montagem lançada por Henry Ford, que era uma linha de produção em massa por excelência. Essa modelo possibilitou que muitas pessoas tivessem um automóvel, porém tudo muito padronizado e pouquíssima variedade de produtos. No início de 1970 as empresas japonesas lideradas pela Toyota, chegaram transformando totalmente a indústria, mudando as técnicas de produção em massa para uma produção enxuta. Primeiramente, passaram a utilizar plataformas compartilhadas entre os diferentes modelos de veículo, promovendo uma maior variedade. Depois desenvolveram a modularização de componentes, que é basicamente a divisão dos sistemas que o carro possui, como sistema de frenagem, sistema elétrico, entre outros.

## **8 TEORIAS NO COMÉRCIO E INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS**

O comércio e os investimentos internacionais proporcionam há anos diversas

mudanças no cenário mundial. Essa interação entre os países permite que eles utilizem seus próprios recursos de forma mais eficiente, aumentando a produtividade e possibilitando que as pessoas tenham padrões de vida mais adequados. A visão mercantilista foi uma das primeiras teorias que envolvem o comércio exterior e até hoje é objeto importante de estudo. Segundo Pinho e Vasconcelos (2003, p. 27), foi um movimento que imprimiu ao pensamento econômico um cunho de arte empírica, de preceitos de administração pública que os governantes deveriam usar para aumentar a riqueza de suas nações. Os estudiosos desta vertente acreditavam que a prosperidade nacional resulta de uma balança comercial favorável, ou seja, mais exportações do que importações.

Acerca de tal questão, é interessante analisar o Princípio da Vantagem Absoluta, que buscou de certa forma criticar ou corrigir a visão mercantilista. Conforme Alan Dias (2019), as vantagens absolutas aparecem quando comparamos diretamente a produtividade de um setor dentro de um país em relação ao país estrangeiro. Adam Smit (1776) pontuou que seria benéfico para os países se especializarem, produzirem e exportarem os produtos dos quais detém vantagem absoluta e importar aqueles que não apresentam esta vantagem.

É possível observar aspectos relacionados a estas teorias no setor automotivo. A China, líder em produção de carros atualmente, não tem peças para fabricação de automóveis como principais produtos de exportação. O país, apesar de ser número 1 no setor automotivo, importa peças de outros países para fabricação dos carros. O Brasil, segundo André Nassif (2018), é um país extremamente fechado em comparação aos demais, tanto nas exportações quanto nas importações de bens e serviços em relação ao PIB. De acordo com... o Brasil tradicionalmente concedeu incentivos fiscais à indústria automotiva desde o governo JK, com o intuito de atrair indústrias para instalar suas fábricas no país, aumentando a empregabilidade. Entretanto, para a OMC, esta era uma estratégia protecionista e foi vista como ilícita e condenável.

Diante disso, vale ressaltar a importância dessas teorias nos dias de hoje. A partir delas, podemos analisar o posicionamento de mercado dos países, compreender suas estratégias de produção e comercialização. De acordo com Zeca Chaves (2021), o Brasil, apesar de praticar movimentos protecionistas ao longo dos anos e ter apresentado uma queda muito relevante no setor automotivo durante a pandemia, é um país atuante no mercado internacional e conquistou o 7º lugar no ranking mundial deste setor. As estratégias e relações internacionais são cada vez mais complexas e difíceis de serem analisadas, porém é possível observar a presença de teorias clássicas e contemporâneas em todos os processos envolvidos.

## **9 RISCOS DE MERCADO**

Mudança nos preços, oscilação das taxas, volatilidade das ações, entre outros, são fatores que estão diretamente ligados aos riscos de mercado. Tais aspectos podem fazer com que os investimentos não proporcionem o retorno esperado às empresas e às pessoas. Segundo Melissa Albuquerque, maio de 2021, o risco cambial está relacionado com a incerteza sobre o valor que uma moeda terá no futuro, ou seja, a taxa de câmbio em que a mesma será negociada. Para os investidores que possuem ações em outros países, por exemplo, é extremamente importante ter o conhecimento deste risco. Operações com ativos atrelados à taxa de câmbio correm o risco de ter os ativos rapidamente desvalorizados com a flutuação cambial.

De acordo com Lucas Silva, 2018, quando se imagina um investidor que possui uma carteira global, ou seja, composta por ativos de vários países, deduz-se que ele exigirá um prêmio maior pelo risco de investir em uma empresa brasileira, por exemplo, do que em uma americana. Este fator está relacionado à estabilidade da economia, valorização da moeda, relações internacionais, entre outros fatores. O risco país é representado pelo rendimento que um título emitido pelo governo deve oferecer quando relacionado a qualquer outro tipo de título livre de riscos .

Para se tornar global, as empresas precisam atender a três objetivos estratégicos: eficiência, flexibilidade e aprendizagem. Ana Luiza Jorge, 2021. Ao decidirem que irão se estabelecer em outro país ou região, as empresas devem estar cientes e conhecerem bem os riscos de mercado. O Risco Intercultural envolve a possibilidade de empresas sofrerem rejeição, por não se adaptarem aos costumes locais, ao público e ao ambiente em geral.

O risco comercial, por sua vez, é resultante das estratégias da empresa no mercado. Segundo Márcia Cardoso, 2018, o risco comercial está atrelado à possibilidade do credor se envolver em dispêndio, em virtude de as obrigações assumidas pelo devedor não serem liquidadas. Dessa forma, é de extrema importância que as empresas tenham conhecimento e possam analisar suas possíveis negociações, para não serem prejudicados por uma decisão precipitada. Diante disso, vê-se o quão necessário é a análise aprofundada dos riscos de mercado por parte das empresas que pretendem entrar no comércio internacional.

## **10 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O mercado mundial vem se transformando todos os dias, sendo impactado por

diversos fatores, sejam eles naturais ou criados pelo homem. A economia caminha em paralelo com as questões políticas, ambientais, geográficas e industriais, compondo todo o sistema mercadológico que move as relações internacionais. A geografia econômica evidencia toda a interdependência existente entre as nações através de fatores que ocorrem em certos países e acabam afetando outros. Um bom exemplo foi o fechamento da China no primeiro momento da pandemia, que impactou diretamente a indústria brasileira e outras. O pós-pandemia está sendo um espaço para as empresas demonstrarem a capacidade de se manterem diante de fenômenos que afetam muitos negócios, lidando com desafios e sabendo se adaptar.

O setor automotivo foi muito afetado pela pandemia. É um setor que tem os automóveis como fator principal de mercado, porém, para chegar no resultado, existe uma cadeia produtiva enorme, envolvendo muitos trabalhadores, sistemas operacionais e diversas áreas, as quais também estão passando por um momento desafiador. Com grande influência no mundo todo, nos âmbitos mercadológico e socioeconômico. A tecnologia está cada vez mais presente no setor, e fatores que antes só se via como ficção, hoje se tornam realidade e são até mesmo comuns no dia a dia das pessoas.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALBIERI, Sara; NOBILE TONIOL, Ana Paula. Industria, Cultura e Consumo: O Impacto do Fast Fashion na Indústria da Moda Brasileira. **H-Industria: Revista de Historia de la Industria Argentina y Latinoamericana**, v. 14, n. 27, 2020.

ALMEIDA, André (Ed.). **Internacionalização de empresas brasileiras: perspectivas e riscos**. Elsevier, 2007.

AMATUCCI, Marcos; AVRICHIR, Ilan. **Teorias de Negócios Internacionais e a Entrada de Multinacionais no Brasil de 1850 a 2007**. Revista Brasileira de Gestão de Negócios-RBGN, v. 10, n. 28, p. 234-248, 2008.

AMARAL, Daniel Furlan. **Efeitos do fim do Acordo Multifibras na produção e no emprego dos setores têxtil e de vestuário no Brasil**. 2006.

BUCKLEY, P. J.; CASSON, M. **The Future of Multinational Enterprise**. Londres: Macmillian, 1976.

CANTISTA, Maria José. **Globalização: alcance e limites**. 2005.

Cantoni, A. D., Rocha, T. V., Galhanone, R. F., & Righetti, M. L. (2019). **Estratégias de marketing internacional adotadas no processo de internacionalização de franquias: um estudo de caso múltiplo no setor de vestuário**. Revista Brasileira de Marketing, 18(2), 19-53.

CAVUSGIL, S. Tamer; KNIGHT, Gary A.; RIESENBERGER, John R. **Negócios internacionais: Estratégia, gestão e as novas realidades**. Pearson Prentice Hall, 2008.

CIELO, Patricia Fortes Lopes Donzele; DOTTO, Adriano Cielo. **Tratados internacionais: processo de formação e relação com o direito interno**. Revista Jus Navigandi, Teresina, ano 18, n.3644,23jun.2013.

COSTA, Luiz Paulo da Silva; FIGUEIRA, Ariane Cristine Roder. **Risco político e internacionalização de empresas: uma revisão bibliográfica**. Cadernos EBAPE. BR, v. 15, p. 63-87, 2017.

DA SILVA, André Luiz Reis. **Os países emergentes na política internacional: O grupo Next Eleven (n-11) e as convergências com a política externa brasileira**1.

DA SILVA, Aline Araújo et al. **COMÉRCIO EXTERNO BRASILEIRO DE TÊXTEIS E CONFECÇÕES E A CONCORRÊNCIA CHINESA: UMA ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES EM ESTADOS SELECIONADOS NO PERÍODO DE 1997 A 2017**. Revista de Economia Mackenzie, v. 18, n. 1, p. 63, 2021.

DE OLIVEIRA ROSA, Renato; CASAGRANDA, Yasmin Gomes; SPINELLI, Fernando Elias. **A importância do marketing digital utilizando a influência do comportamento do consumidor**. Revista de tecnologia aplicada, v. 6, n. 2, 2017.

DE OLIVEIRA, Virgínia Izabel; PINHEIRO, Juliano Lima. **Gestão de riscos no mercado financeiro**. Saraiva Educação SA, 2018.

DE SOUZA, Fabiana Custódio; BIEGAS, Sandra. **ESTUDO DO ARRANJO FÍSICO DO SETOR DE CONFECÇÃO DE VESTUÁRIO**. Trabalhos de Conclusão de Curso do DEP, v. 2, n. 1, 2006.

DICKEN, Peter. **Mudança global: mapeando as novas fronteiras da economia mundial**. 2010.

DOS SANTOS MARTINS, Lilian Carla et al. **A indústria do vestuário no contexto dos negócios internacionais**. Revista de Casos e Consultoria, v. 11, n. 1, p. e1113-e1113, 2020.

DOS SANTOS, Diego; KLAFKE, Renata Vidart. **A internacionalização como fonte de vantagem competitiva: caracterização de empresas portuguesas que investem no mercado brasileiro**. Revista Turismo & Desenvolvimento, n. 32, p. 129-141, 2019.

DOS SANTOS, Juliana Cardoso; VALENTIM, Marta Lígia Pomim. **Gestão da informação em ambientes organizacionais: em foco o setor têxtil e de vestuário**. Informação@Profissões, v. 4, n. 1, p. 56-81, 2015.

DUTRA, Tatiana N. Augusto; CARVALHO, Andréa Vasconcelos. **O profissional da informação e as habilidades exigidas pelo mercado de trabalho emergente**. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 11, n. 22, p. 178-194, 2006

FEDERAL, Brasil Supremo Tribunal et al. **Constituição da república federativa do Brasil**. Supremo Tribunal Federal, 1988.

FIEG. Relatório sobre o posicionamento da Indústria Brasileira 2018. Goiânia. CAVALCANTI, André Marques; DOS SANTOS, Gilson Ferreira. **A INDÚSTRIA TÊXTIL NO BRASIL: uma análise da importância da competitividade frente ao contexto mundial**. Exacta, 2021.

FLEURY, Afonso; FLEURY, Maria Tereza Leme. **Multinacionais brasileiras: competências para a internacionalização**. Editora FGV, 2021.

FUJITA, Renata Mayumi Lopes; JORENTE, Maria José. A Indústria Têxtil no Brasil: uma perspectiva histórica e cultural. **ModaPalavra e-periódico**, n. 15, p. 153-174, 2015.

KASAI, Alexandre Toshihiro. **A ascensão e o declínio da economia japonesa com ênfase no papel do estado japonês e na relação Japão-EUA de 1945 a 1990**. 2021.

KON, Anita; COAN, Durval Calegari. **Transformações da indústria têxtil brasileira: uma transição para a modernização**. Revista de economia Mackenzie, v. 3, n. 3, pág. 11-34, 2005.

LASAS, Claudio. **O Brasil ressurgiu como produtor de algodão**. Revista de Política Agrícola, v. 10, n. 1, p. 49-50, 2012.

MARCATO, Marília Bassetti; TORRACA, J. **Impactos da COVID-19 na indústria de transformação do Brasil**. Textos para Discussão, IE/UFRJ, n. 19, 2020.

MARCENES, Leandro Henrique de. **Estratégias de internacionalização: investimentos diretos externos de multinacionais brasileiras**. 2009. Tese de Doutorado.

MARINO, Pedro de Barros Leal Pinheiro et al. **Indicadores de governança mundial e sua relação com os indicadores socioeconômicos dos países do Brics**. Revista de Administração Pública, v. 50, p. 721-744, 2016.

MARTINS, Maria. **Relatório de Projeto Curricular–Estratégias de Internacionalização para as PME Portuguesas do Setor Têxtil e Vestuário face à Crise Covid-19**. 2020.

MATOS, Laura Germano. **Direitos humanos e empresas: uma análise dos parâmetros brasileiros de responsabilidade por danos à mão de obra terceirizada no setor de confecção de vestuário**. 2019.

MATTEI, Lauro; SILVA, Kattiane Medeiros Santos. **Crises econômicas e possíveis saídas à luz das teorias keynesiana e pós-keynesiana**. Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas, p. 13-13, 2018.

MEDEIROS, Eduardo. Transportes transfronteiriços e mobilidade transfronteiriça nas regiões fronteiriças da UE. **Estudos de caso sobre política de transportes**, v. 7, n. 1, pág. 1-12, 2019.

MIRANDA, Antonio. Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. **Ciência da Informação**, v. 29, n. 2, p. 78-88, 2000.

NAKAMURA, Pedro. **Será que a união dos BRICS não passou de um sonho?**. Pedro Nakamura, 2018. Disponível em: <<https://medium.com/@pedronakamura/os-brics-n%C3%A3o-passaram-de-um-sonho-c778d9ae4d7c>>. Acesso em: 26, novembro, 2021.

OLIVEIRA, Susan Elizabeth Martins Cesar de. **Cadeias globais de valor e os novos padrões de comércio internacional: uma análise comparada das estratégias de inserção de Brasil e Canadá.** 2014. 223 f., il. Tese (Doutorado em Relações Internacionais)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SCHELINI, André Luiz Spinelli; MARTENS, Cristina Dai Prá; PISCOPO, Marcos Roberto. **Revista Eletrônica de Negócios Internacionais.** 2017.

SCHELINI, André Luiz Spinelli et al. **A gestão de projetos como vantagem competitiva para internacionalização de empresas brasileiras.** *Revista Eletrônica de Negócios Internacionais: Internext*, v. 12, n. 3, pág. 1-15, 2017.

SPERS, Renata Giovinazzo. **Proposição de um modelo de internacionalização para atuação de empresas brasileiras nos mercados populares internacionais.** 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

STOCKER, Fabricio; ABIB, Gustavo . 2019,[ Acessado em: 16, Novembro,2021]. Disponível em: <[SciELO - Brasil - Risk Management in Born Globals: the Case of Brazilian Craft Breweries Risk Management in Born](#)>..

TORRES, Cláudio. **A Bíblia do Marketing Digital.** São Paulo: Novatec Editora, 2009.

United Nations Conference on Trade and Development. (2019). Recuperado de <https://unctadstat.unctad.org/EN/Index.html>. Acesso em: 01, Dezembro,2021.

VERNON, R. **International investment and international trade in the product cycle.** *Quarterly Journal of Economics*, v. 80, n. 2, p. 190-207, 1966

VIEIRA, Cláudia Simone et al. **Fatores de influência no uso do offshoring: uma análise de empresas no Brasil.** 2012.

WILSON, Dominic; FIOTAKIS, Themistoklis; PURUSHOTHAMAN, Roopa. **The BRICs and global markets: Crude, cars and capital.** Goldman Sachs, 2004.

YAMASAKI, Viviane Eiko Ito et al. **A influência do ambiente institucional e da gestão na formação e controle das Joint Ventures internacionais.** 2021.